

CARTA PARA PAULO FREIRE

Naiara Alvares de Oliveira

Mariana-MG, 20 de novembro de 2022

Caro Paulo Freire,

Apesar da sensação de já termos nos conhecido em algum momento de nossas vidas, gostaria de pedir a permissão para me apresentar. Sou uma profissional de Saúde Pública e trabalho na Estratégia Saúde da Família no município de Mariana-MG.

Seu nome sempre esteve presente na minha trajetória pessoal e profissional, mas foi durante a especialização em Preceptoria do Sistema Único de Saúde (SUS) que seus textos se tornaram mais familiares e comecei a ler alguns trechos das suas obras.

Mesmo atuando na Enfermagem, a Educação sempre esteve presente nos grupos de formação de profissionais por meio dos remotos “treinamentos e capacitações”, assim como nos grupos operativos em que tínhamos momentos de diálogo e trocas de experiências com pacientes nos diversos ciclos de vida.

Algo sempre me angustiava durante esses encontros. Não me sentia à vontade ao ver um estudante do curso técnico, um paciente ou um colega de trabalho cochilando durante as atividades em que eu exercia o papel de mediadora do processo. Acredito que essa inquietação me aproximou de você e dos seus conceitos, e um processo transformador começou a germinar no meu cotidiano na Educação em Saúde – acredito que ele ainda está em contínua construção e aprendizado.

Durante a elaboração da minha dissertação de mestrado, estudei a formação dos profissionais de Saúde em especial durante a graduação, e foi necessário me aprofundar nos conceitos trabalhados em suas principais obras para

perceber que continuamos perpetuando os preceitos da Educação Bancária nos cursos da Saúde, por meio da memorização contínua da anatomia e do ato de “decorar” processos químicos que acontecem no corpo humano, ainda que nada disso fizesse sentido na minha prática profissional. Pouco se fala de Sociologia, Antropologia e até mesmo de Filosofia nos cursos da área da Saúde. O “slogan” é saber administrar medicamentos e executar as técnicas com habilidade para se tornar um bom profissional. Há pouca relevância na troca e no aprendizado com nossos pacientes durante as consultas. A postura de opressor/profissional de Saúde que decide todo o percurso terapêutico e cujo paciente tem de obedecer às nossas demandas ainda é a tônica para um bom atendimento.

Decidi ingressar na disciplina da pós-graduação Seminário XIV “Paulo Freire”, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto, pois acredito que temos de estudar sempre e vivenciar o “néctar” da sua obra, que tem proporcionado reflexões oportunas acerca de engajamento e da importância de estar sempre lutando para almejar um mundo mais justo e com oportunidade para todos.

Gostaria de conversar com você sobre alguns momentos desse caminho que comecei a percorrer em agosto de 2022, para que, juntos, possamos refletir sobre como suas obras podem me conduzir como sujeito que almeja viver numa sociedade justa e revolucionária.

A leitura é meu ponto de partida para nosso diálogo. Como ler é um processo tão difícil, até porque parei de ler romances, ou quaisquer outros livros literários, dos meus 18 aos 23 anos. Não conseguia me aproximar dos escritores e acredito que era uma época em que livros de “autoajuda” despontavam como *best sellers* e eu não entendia como uma pessoa que não me conhece poderia ditar regras sobre como me comportar, vestir ou falar. A leitura de mundo é uma tarefa muito desafiadora nesse contexto social atual, em que muitas coisas acontecem de forma simultânea e, às vezes, é difícil acompanhar tudo.

Outro aspecto relevante dessa discussão é que gostaria de estar sempre atenta ao fato de que, como profissional de Saúde numa escola técnica ou na Unidade de Saúde, estou, acima de tudo, como educadora/educanda. O diálogo é fundamental na sala de aula, assim como durante uma consulta, porque, embora o resultado de um atendimento sempre culmine numa “prescrição”, ela não precisa ser uma consciência hospedeira depositada no paciente/oprimido. As chances de sucesso de um plano terapêutico serão cada vez maiores se houver diálogo nesse processo, se o paciente conseguir exprimir suas dúvidas e angústias sobre o processo de doença que vem sofrendo e, com o apoio do profissional de Saúde, não chegarem ao “tratamento perfeito”, mas inspirarem a esperança de uma condução adequada desse processo.

Outro conceito que discutimos em grupo recentemente foi o humanismo que você conceitua em *Pedagogia do oprimido* (1970, p. 29) como “tendência de pensamento que busca coerência social e ética na estrutura da humanidade, onde o respeito e valorização são indispensáveis para a sua prática”. Gostaria de tecer algumas reflexões acerca desse conceito, uma vez que, na Saúde, falamos muito sobre “humanização” e temos programas de valorização da assistência no SUS, mas não acredito que a práxis esteja muito associada a esse conceito. A humanização vai muito além de realizar um parto na água e de tratar bem o paciente. Ela necessita estar imersa em um contexto em que aspectos sociais, econômicos, religiosos e culturais devem ser discutidos a fim de garantir o bem-estar do paciente.

Esses conceitos que você destaca na obra *Pedagogia do oprimido* (Freire, 1970) são novamente discutidos na construção das bases da Educação Popular em Saúde, por meio do grupo de discussão liderado por Ceccim (2007), que compilou uma entrevista concedida por você e a denominou de Pacientes impacientes, em que reflexões importantes sobre a relação “médico-paciente” e “profissional de saúde-paciente”.

A impaciência significa a ruptura com a paciência. Quando você rompe com um desses polos, você rompe a favor de um deles. Esse é o princípio para trabalhar com o povo e para construir com o povo o seu direito à liberdade e à afirmação da vida com dignidade (Ceccim, 2007, p. 43).

As reflexões acerca das suas obras, em especial *Pedagogia do oprimido* (Freire, 1966) e *A sombra dessa mangueira* (Freire, 2005), mostraram que estou no caminho certo. Não é uma trajetória fácil, pois necessito de uma mudança radical nos processos de trabalho, assim como preciso estar sempre me reinventando na busca de uma sociedade mais justa para conseguir enxergar o meu verdadeiro papel na coletividade.

A criatividade e esperança são aspectos cruciais nessa mudança, pois, muitas vezes, não conseguirei ver “os reflexos e as marcas” que deixei na minha trajetória pessoal e profissional, mas seguirei na “esperança” de que a luta é contínua e que estou plantando a semente da revolução.

A você, Paulo Freire, muito obrigada, por todas as reflexões e por ter me oportunizado conhecer pessoas que querem seguir esse caminho comigo.

Um forte abraço,

Naiara Alvares de Oliveira

REFERÊNCIAS

CECCIM, Ricardo Burg. Pacientes impacientes: Paulo Freire. In: BRASIL. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007, p. 32-45.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 129p.

FREIRE, Paulo. **A sombra dessa mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. 177p.